

1.º ANNO—1909—Director, *Larcher Marçal*

Prop. Administrador, HUBERTO GONÇALVES

Red. e Adm. R. D. ANTONIO BARROSO, 22



Assinaturas—Barcellos 2 mezes 200 rs.—Fôra de Barcellos 6 mezes 700 rs.—Composto e Impresso—Typ. "Centro de Novidades,"—Barcellos

BARCELLOS C.M.B. nos ultimos tempos têm vindo a lume, registrados das excellencias de suas povoações, ainda as menos populosas, pois que de seu conjuncto deverão resultar elementos bastantes para se escrever uma historia completa do nosso paiz, em que registrados todos os seus predicados e benemerencias.

Biblioteca

Jayme de Séguier.

DIVERSOS escriptores se têm occupado de Barcellos, em livro, mais ou menos dilatadamente, sendo o primeiro a fazel-o, entre os principaes, Fr. Pedro de Poyares no seu *Tratado panegyrico em louvor da villa de Barcellos*, e ainda no seu *Diccionario Lusitanico e Latino de nomes proprios de Regiões etc.* . . . e seguindo-se-lhe Antonio Maria do Amaral Ribeiro, na sua *Noticia descriptiva de Barcellos*, publicada pela primeira vez em 1866, e sahida em 2.ª edição em 1867, e o rev.º Domingos Joaquim Pereira, abbade que foi da freguesia do Louro, no concelho de Villa Nova de Famalicão, com a *Memoria historica da villa de Barcellos, Barcellinhos e Villa Nova de Famalicão*, em 1867 e sendo o ultimo o sr. Joaquim Leitão com o seu *Guia illustrado de Barcellos*, vindo a lume no anno de 1908.

Com muito se haver escripto em todas essas obras em bem de Barcellos e de alguns de seus filhos mais benemerentes, muito ficou e ha ainda que diser a tal respeito, e bem vindo será quem cometta fazel-o, preenchendo, quanto possivel, as lacunas e emendando os lapsos que nos escriptos indicados se dão, e com realisal-o um bom serviço prestará esse alguem não só a Barcellos tão merecedor de que se lhe acrescente o levantado e justo renome que sob tantos pontos de vista já tem, mas ainda a Portugal, em cujos fastos tão distincto lugar occupa a antiga e nobilissima villa, concorrendo para que se vá augmentando e acendendo a já longa collecção de monografias, que

entre os barcellenses de hoje conheço eu um que de primór poderia desempenhar-se do ponderoso encargo, pelo muito, cuidadoso, patriotico e amovavel estudo que tem consagrado ás cousas de Barcellos, de que é distincto filho.

Entre os barcellenses de hoje conheço eu um que de primór poderia desempenhar-se do ponderoso encargo, pelo muito, cuidadoso, patriotico e amovavel estudo que tem consagrado ás cousas de Barcellos, de que é distincto filho.

Alludo ao sr. Dr. Antonio Ferraz que já por mais do que uma vez, e nomeadamente no *Commercio de Barcellos* e no *Brazil-Portugal*, tem dado testemunho bem tacteavel de sua competencia para meter mãos á obra por mim, não filho de Barcellos mas que tão devotado lhe sou, como se o fôra, tão desejada:

Em quanto isso não succede — e oxalá que meus votos a tal fim calem intima e profundamente no animo do estudioso e preclaro investigador, vou eu traçando, quasi que só para uso e satisfação proprios, uma ou outra pagina concernente a cousas e pessoas de Barcellos, e d'ellas saco hoje, para o *Barcellos-Revista* a referente ao sr. Jayme de Séguier, um dos filhos mais preeminentes, de que não vejo o nome memorado entre os «barcellenses illustres» lembrados no referido *Guia* do sr. Joaquim Leitão, figurando aliás entre elles, illustres e não illustres, alguns que de Barcellos não são.

Nasceu o sr. Jayme de Séguier em Barcellos em 26 de março de 1860, sendo seu pae, o sr. Carlos da Silva Séguier, escrivão do 6.º officio do Juizo de Direito da Comarca.

Estreiou-se muito moço no jornalismo, escrevendo para o *Jornal da Noite*, de que era director Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, um dos mais eminentes periodicistas do nosso paiz. e

por tal modo ahi se houve que por mais do que uma vez lhe foi por este confiada, em sua ausencia, a direcção do seu diario.

Como poeta n'este fez tambem as suas primeiras armas, assignalando-se especialmente pelas poesias «Leviathan» e «Ignota dea».

Successivamente collaborou, sempre distinctamente, em diversos jornaes politicos taes como a *Revolução de Setembro*, *Diario da Manhã*, *Diario de Noticias*, *Diario de Portugal*, *Economista*, e nas folhas literarias *Revista Literaria* e *Pauleon* do Porto, e na *Revista de Coimbra*, de Coimbra, destacando-se em todos esses periodicos pela vivesa de talento e espirito, pela levesa, graça e maleabilidade de seu estilo, e testemunhando-se em todos o melhor fadado para as boas letras.

Muitas de suas prosas e poesias sahiram n'elles firmadas com o pseudonimo de «Iriel» que tornou justamente celebrado, escrevendo pela primeira vez sob elle em 1877 para a *Revista Literaria* do Porto, dirigida por Diogo de Macedo.

Em livro tem publicado «O revolver de Kenzzen» no «Brinde aos assignantes do *Diario de Noticias*» de 1875, *O desquite*, comedia imitada do *Chez Pavocat* e o *Ramo de lilaz*, traducção, ambas representadas com applausos no theatro de D. Maria, e *Alegros e Adagios*, collecção de suas principaes poesias, e um poemeto *A Morte do atheu*, commemorativa do passamento do eminente filosofo e filologo E. Littré, por ventura a primeira entre suas producções poeticas, e para mim uma verdadeira obra prima.

Ultimamente, abandonadas, ou ao menos guardadas para convivio intimo, o que haja escripto — por mal d'estas e de seus admiradores — as letras de que tão eximio cultor era, tem elaborado um ou mais livros dos adoptados officialmente para compendios d'instrucção primaria.

Entre as suas prosas merecem especial menção as «Cartas de Lisboa» que em 1881, firmando-as com aquelle seu glorioso pseudonimo de Iriel, para a *Folha Nova* do Porto, diario superiormente dirigido e redigido pelo sr. Emygdio d'Oliveira, que ahi se fez um nome inolvidavel, e em que collaboraram assiduamente ou por vezes os srs. Antonio Feijó, Joaquim de Araujo, João Araujo, Raul Didier, e outros muitos da brilhante pleiade de escriptores d'essa epoca, e ainda as chronicas litterarias que no anno de 1889 publicou no *Journal do Commercio* do Rio de Janeiro e na *Illustração* que então dirigia em Paris o finado Maria-Pina.

Parte d'essas chronicas foram reunidas em livro,

denominado *A feira de Paris*, pois que datadas d'esta cidade, onde escriptas, e mais ou menos commemorativas da grande Exposição então ahi celebrada em recordação do primeiro centenario da grande Revolução. Não succedeu, porém, ainda o mesmo aquellas cartas de Lisboa para a *Folha Nova*, e muito para lastimar é que que assim tenha succedido pois bem merecedoras essas chronicas de reviverem para mais longo futuro do que o que lhes deu a efemera vida do jornalismo.

Irmãs mais velhas das paginas que constituem a *Feira de Paris*, já sahida em 2.^a edição, não são ellas menos scintilantes de graça, bom humor, e sempre incisiva, bem trasida e aplicada, causticidade dos successos e pessoas que a si avocavam, e consubstanciam, umas e outras, juntamente com outras identicas sahidas da penna do mallogrado Guilherme d'Azevedo, paginas perigrinas e quasi unicas da nossa litteratura ligeira, denunciativas em seus auctores de um verdadeiro, e entre nós incomparavel, espirito gaulez.

Para dar á actual geração, para a qual taes cartas devem haver-se como que desconhecidas, em seguida transcrevo a que sahio no n.º 114 de 7 d'outubro do referido anno de 1881, na *Folha Nova*, numero que encontro perdido entre outros dos meus papeis velhos, lamentando bem não ter guardado a collecção inteira do excellente diario.

Como esclarecimento á parte capital da carta em nota dou a alcunha do celebrado, já fallecido, advogado, a que ella referida.

Cartas de Lisboa

«Fallei-lhes hontem da sensação que a abertura de S. Carlos costuma produzir na nossa pobre existencia indigena.

Ha dois dias que o theatro se abriu e já fornigam intrigas de todos os lados. Que pena que se não possa reproduzir typographicamente os estallos de lingua, o ruido particular que duas mãos fazem esfregando-se uma na outra. Que bom! que pechincha! Ah! já se não morre de tedio!

Segundo parece, ha já feitos alguns trabalhos para diversos assaltos e diversos assedios.

Por emquanto, as praças parecem pouco dispostas a render-se e uma d'ellas fez mesmo uma sortida vigorosa.

Mas as operações estão ainda em principio e nada faz prevér o resultado.

A campanha este anno promette ser interessante, embora tenha pela força das circumstancias de se circunscrever ao cerco das cidadellas de primeira ordem. As outras praças secundarias (leia

Noite para amar

*Vês, Maria, que noite esplendorosa
De luar triumphante e perfumados
Suspiros bons das pétalas da rosa
Adormecida á beira dos vallados?*

*Que linda noite clara e bonançosa,
Para um casal de mansos namorados
Revelarem a ancia voluptuosa
De se terem, nos braços, apertados.*

*O' como este silencio me deslumbra!
Todo este claro-excesso da penumbra
Que infindas phantasias não encerra!...*

*Une aos meus os teus labios de cereja,
Para que toda a nossa vida seja
Um mar de luz e amor por sobre a terra!*

Porto —20—IX—909.

VAZ PASSOS.

coristas) não convivam muito a tentativas de bloqueio, umas, porque são feias como tudo, outras por que tem allianças masculinas, muito respeitaveis.

As bailarinas, as taes de rango, tu lembras-te, ai, meu amigo, que desgraça!

Nunca imaginei que o rango fosse aquillo. Já ficas prevenido. E eu te annunciando bailarina de rango já sabes que tem nariz de palmo, clavículas levadas a um excesso que se devia talvez prohibir, e pernas em parenthesis. Se não tiver mais de quarenta annos, ainda deves ficar bem satisfeito, por que é amabilidade do empresario.

Havia ainda na epocha passada no corpo de baile uma dançarina que por si só era bonita por todas as 24. Essa dançarina era facillima de achar no momento em que se tirasse uma linha recta, de cada binoculo da plateia.

No ponto em que todas essas linhas cruzassem, estava a dançarina. Não havia engano possivel. Era alta, forte, branca, loira e tinha uns braços, tu sabes já a minha opinião sobre os braços, uns braços lindissimos. Pois bem, meu caro até essa

se foi embora. Vê tu a desolação que vae por todos os binoculos, acostumadinhos áquelle descanço e que andam agora, coitados! como uns tontinhos, d'uma para outra sem terem coragem de se demorarem um minuto!

Uma das phisionomias mais curiosas do theatro é incontestavelmente a de José Saragga. A sua cara redonda, petulante, atrevida, com a aggravante d'um monoculo — essa insolencia de vidro — destaca logo no meio dos rostos que o cercam.

A historia da sua onda de dilletante dava uma bibliotheca. Depois tem pilhas de graça o maroto e como conhece bem toda a giria theatral, sabe pôr em pratica os mais inopinados e extravagantes meios estrategicos.

Isto já se vê, quando está na opposição. Quando está ministerial, isto é, aliado da empresa perde uma parte d'estas qualidades e transforma-se n'um espectador vulgar. Como o adversario, é curiosissimo vê-lo em campanha e este anno, segundo parece, teremos esse prazer. As tres palmadas de outro dia foram o rompimento das hostilidades.

Ha dous annos debutava em S. Carlos uma das cantoras, das artistas mais sublimes que tem vindo a este theatro, Erminia Borghi Mamo. Vinha já precedida d'uma reputação hors ligue. Tanto foi bastante para que o publico a recebesse com reserva. Nos tres primeiros actos poucos e frios applausos conseguiu. Saragga, que era então extrema esquerda, radiava.

A opera era a Africana. Chega o 4.º acto e começa o duo de amor com Vasco. Toda a gente conhece aquella pagina de musica deante da qual eu pasmo, como um imbecil, por que não comprehendo que se possa escrever nada de mais bello, nem mesmo de tão bello. Por uma d'essas excitações que só tem os verdadeiros e grandes artistas Borghi Mamo, offendida pela frieza com que era acolhida, concentrou n'esse momento todos os recursos do seu talento, da sua voz, deu a toda a sua parte uma interpretação assombrosa, quasi genial. As phrases saiam-lhe inflammadas, candentes dos labios. O seu olhar, o seu rosto cantavam tambem um doce e apaixonado poema de amor. O artista que a acompanhava, que era precisamente o Sr. Bulterini que este anno temos em S. Carlos de novo, electrizado por aquella irradiação de calor, de entusiasmo, de paixão, secundava-a maravilhosamente e a plateia fascinada estava, segundo a velha phrase, litteralmente suspensa dos labios dos dois.

Saragga, viu approximar-se o final do duo e com elle o momento de o publico inteiro fazer aos dois artistas e especialmente a Borghi Mamo uma ovação delirante. Ora isso é que era precisamente necessario cortar. Mas como? O duo seguia a sua marcha triumphal. As vozes de Selika e de Vasco reunidas agora como n'um extase, murmuravam em unisono as ultimas palavras, baixinho, como expirando n'um spasma de amor! Um momento mais, tudo estava perdido!

De subito, ao relancear a vista desesperada pelo theatro, como um naufrago lança o ultimo olhar pelo oceano a ver se descobre um destroço a que se agarre, Saragga descobre installado no camarote dos ministros, exhibindo uma bella camisa de bofes, um advogado muito conhecido em Lisboa por uma alcunha complicada e constituida por um instrumento pyrothechnico, seguida d'uma exclamação um pouco . . . gauleza e terminado pelo distinctivo Junior. (a) Oh! que raio de luz! como se diz na Mascotte.

Vel-o erguer-se do seu logar e com uma voz audível para toda a salla, exclamou, justamente quando o duo terminava: — Olha . . . Fulano, no

camarote dos ministros! foi obra de momento. A plateia surprehendida voltou-se em massa para o ponto indicado, por entre risadas, e o duo terminava sem uma unica manifestação de applauso.

Hoje vae o Fausto. Ah! delicioso cofre de joias, escrincio de topazios de esmeraldas e de perolas musicaes, que ha tantos annos vertes as tuas gemmas incomparaveis no collo de tantas Margaridas mais ou menos castas e puras, como te irão hoje tratar os joalheiros a que foste entregue! Mas já deu o signal. A orchestra executou já a suavidade do prelude. O panno ergue-se. Fausto de barbas postiças levanta-se tremulo.

Pelas janellas, que em breve deixarão entrar como um bando de cotovias, as notas, cõa-se uma luz suave e mansa.

De subito uma arcada secca rompe nos contra-baixos e a voz de Fausto começa: — Interrogo urvan . . . Silencio.

IRIEL.»

Lisboa, 11 de outubro de 1909.

RODRIGO VELLOSO.

(a) *O advogado a que se allude tinha por appellido Ascensão; e se não estou em erro era seu nome todo Antonio Emilio Guerreiro Ascensão, e foi tambem contador de uma das varas civis de Lisboa. A alcunha que lhe poseram em Coimbra e por que conhecido era Ascensão Foguete Ver da . . . Junior. Assim fica eniendido o texto.*



Coisas velhas

VIII

EM boa hora rabisquei eu o numero VII d'estas chronicas insulsas, que vou rebuscando na minha memoria já cançada e velha, e que atiro, muito ao correr da penna, para as paginas de o «Barcellos-Revista».

Disse eu, que, qualquer inexactidão involuntaria aqui escripta, podia ser corrigida pelo Rodrigo Velloso, e só por elle; pois que apenas é vivo um outro jornalista barcellense d'esse tempo, mas cêdo retrahido dos trabalhos da imprensa: é o Abbade de Beiriz Antonio Martins de Faria, hoje muito dado, e depois de velho, ao culto das musas.

E ainda bem que isto deu azo, a que o Rodri-



Cliché de Antonio Cardoso

Simili-gravura de Marques Abreu

go Velloso viesse, de novo, valorisar as «lunna» do «Barcellos-Revista» com a sua prosa sempre scintillante em brilhaes de forma e em primores d'estylo.

A correcção, que faz, e que eu acceito de bõamente, interessa menos á historia do jornalismo barcellense, que vou escrevendo, do que ás suas relações pessoaes d'aquelle tempo, a que se refere.

Eu quando disse: — que o Bettencourt não morria d'amores pelo Velloso, referia-me ás suas relações politicas e não ás pessoaes; pois que d'outro modo eu não acho razão, que justifique o acto do João Bettencourt retirar a typographia ao «Jornal do Povo» após a entrada do Rodrigo na redacção do jornal.

Eu poderia ter dito: — que o Bettencourt não morria d'amores pela politica do Velloso; e, se me servisse d'esta forma, que exprimia a mesma ideia, teria evitado este incidente, que, todavia, me foi agradável.

Bettencourt não tinha em Barcellos um unico inimigo pessoal, nem tão pouco elle deixou de sustentar sempre as mais captivantes relações pessoaes com todas as melhores familias barcellenses, fosse qualquer, que fosse, a politica em que militassem.

O Bettencourt fez muita falta a Barcellos; foi um grande elemento de vida social, que nós ahí tivemos, e que desapareceu d'ahí sem ser substituído por ninguém! . . .

Amigos dês a infancia, pois que o João tinha apenas um anno a menos do que eu, demos-nos sempre como irmãos n'uma amizade muito intima e muito desinteressada.

O Rodrigo Velloso, com as suas justas referencias ao illustre morto, ao mesmo tempo que me rasgava no coração um grande golpe de uma grande saudade, abriu-me as portas de um cofre, d'onde posso tirar valiosos elementos para a continuação d'estas chronicas de—*Coisas velhas*—.

Esgotado, que seja, o assumpto, de que me venho occupando, verei se a minha memoria me ajudará a escrever alguns artigos referentes ás *soirées* na casa do Rio, aos grandes jantares na casa do Campo dos Touros, e a tantos outros actos, que se relacionam com a vida activa e alegre d'aquelle distincto barcellense, por adopção, que tanta falta nos fez!

O Rodrigo Velloso photographa muito fielmente aquelle coração diamantino, e aquella alma de eleição. Era assim mesmo: não tinha inimigos, nem os queria; por que nunca foi homem de represalias, nem de ambições, nem de invejas. Era

assim mesmo. Muito bem! Plenamente de accordo.

*

Ao «Jornal do Povo» seguiu-se «O Imparcial» que appareceu a 24 de julho de 1867.

Foi creado por José Alves Vallongo e Sousa sem côr politica, pelo que deu ao seu periodico o nome de «Imparcial».

Publicava-se ás quartas feiras. Era seu editor responsavel e administrador o mesmo José Alves Vallongo e Sousa, em cuja typographia era impresso na rua do Ferreiro numero nove.

O José Vallongo creou este jornal para dar que fazer á sua typographia, e sustentar o seu corpo typographico, que, ao tempo, era elle mesmo e o seu filho mais velho Antonio Carlos da Fonseca e Sousa. Tinha um correspondente de Braga, que não sei, quem fosse, e outro d'este Valle de Tamel, que era o Padre Antonio Ralha.

Quem lhe dava alguma collaboração era o Da-

vid de Barros da Silva Botelho e o Padre Antonio Lima.

Em principios de 1869, sendo administrador effectivo de Barcellos Antonio de Mendanha Ariscado, e substituto David de Barros da Silva Botelho, e de Famalicão, Manoel Paes, «O Imparcial» defendia o governo de então.

Por esse tempo estava eu com o Rodrigo na «Aurora do Cavado» e sustentei com o «Imparcial» rija polemica, que veio a descambar em descompostura bravia.

A final, mettidas as pazes, e enxotado um zangão, que por lá andava, eu collaborei n' «O Imparcial» bastante tempo; e quasi me viera morrer nos braços; suspendendo a sua publicação em o mez de dezembro de 1873, — por que n'esse anno principiou de imprimir-se na typographia do Vallongo um outro jornal politico — «Rei e Ordem» de que fallarei adeante.

Alvito 23-10-09.

A. PAES.

Atravez do binoculo

Do alto da Franqueira:

Aos vinte e seis dias do mez de setembro do anno de mil novecentos e nove, da era Christã e na presença das testemunhas presentes, todas minhas conhecidas e não conhecidas, do que dou fé e juro com a mão posta sobre aquella pedra que serve de capa á parede do adro, pela banda de traz, eu vi com os meus olhos, (não pelo ocular), um cavalheiro roendo um grande chouriço e depenicar as côxas d'um franganito assado; e, logo de seguida, vi o mesmo cavalheiro com os labios postos a uma enfusa de barro vidrado, com o distico — «Faria» — tragando *uma* de vinho verde.

Vi, mais adeante, uma gentil *mademoiselle* botada com toda a gana a uma côxinha de cabrito novo, a deixar vêr os seus dentes côr de neve, em alegre convívio com outras suas companheiras. E mais além — a que leva o goso — um brazilleiro *di auga doce*, vestido de branco, fallando d'amor a uma gentil aldeã de faces avermelhadas, formosa como as mais formosas das rosas d'Alexandria. E, de vez em quando, o *seu mêço* botava uma d'aquellas *labercas* abrazelleiradas: «*á minha é fôrmosa e cheia di graça como aquêlla sinkê-ra! . . .*»

E dentro em pouco, andando eu mais um boçado, fui encontrar:

Sereno, d'olhar estacado, como que cheio de admiração e espanto por vêr tanta gente a mover-se, por ouvir aquelle sussuro enorme de vozes a cruzar-se, — talvez que extasiado como aquelle celebre personagem das *Horas de prosa* de Camillo que, depois de alarvemente ter tragado umas dezenas de manjares e sentado n'um penedo, admirava o mar, o grande mar, que, dizia elle, «*com certeza, tem mais de 60 pescadas*» — um brazilleiro rico, com os dedos carregados d'oiro, a assestar um binoculo para a gente que ousava passar por deante d'elle! «*Como isto é grande*» — diria elle com os seus malfadados botões!

Agora, na torre do convento, ali em baixo, os sinos — e o pequeno, que está enforcado n'um pau, tambem faz figura — repicam festivamente, fazendo lembrar aquelle celebre dia em que da bocca de um *doutor lareiro* se ouviu: — *tambem vão tirar uma telegraphia lá riba?!* —. E corresponde, a esse repique festivo das bandas do convento, — n'uma desafinação caprichosa capaz de enfurecer as pedras, — a musica infernal ali d'uma aldeia, assassinando coloridos trechos d'opera ou engenhosas composições aldeãs, como essas do Pastor e do Moraes.

Um d'esses foguetes das festas d'aldeia, que a custo sobem para os ares, carregados de dynamite, faz um estrondo insupportavel e, como este,

todos os mais que o *Cróco* ou o *Pindalbo* costuma atirar aos ares, como para atemorisar o celeste Imperio da vida futura!

Cheia de calor, sanicando apressadamente com um leque de preço, a gentilissima mira furtivamente o seu namorado, aquelle rapaz esbelto e cheio de graça que de ha muito lhe faz a cõrte, e um sorriso leve, disfarçado um pouco, deixa ver aquella sua cerrada dentadura . . . ao passo que o namorado, ao sorrir-se, só deixa ver os dentes enegrecidos pelo fumo do cigarro!

Pelas 4 horas da tarde d'este faustoso dia 26 de setembro, ergue-se a maior parte dos peregrinos e, em debandada apressada, descem o íngreme monte e as *mademoiselles gentis* pousam ao de leve seus mimosos pés (resguardados por sapatos ou botinas apropriadas para estas digressões) sobre as pedras da calçada antiga, soltando de vez em quando ais e suspiros . . . por quem já veio ou ficou . . .

E tenho dito. Como veem para hoje dispensei os *oculos*.

Viajante amigo.

N. do A. — *Um violento trambulhão, que dei, ao descer o monte, n'aquelle «faustoso» (para mim foi mal-fadado) dia 26 de setembro, dia da peregrinação, eu vi-me obrigado a ir d cama, com as costellas em mau estado e com o nariz n'uma miseria! Por isso, só hoje, 15 de outubro, mando esta, e não sei quando mandarei outra, porque o meu corpo ainda não permite «folias . . .» E ficou-me na memoria aquelle volar do meu corpinho pelas pedras da «calçada antiga», aos altos e baixos! E ha ali cada pedra malcreada . . .*

Chronica ligeira

DEVIDO á iniciativa fecunda d'um trabalhador perseverante e intelligente, com uma magnifica orientação, que é D. José Domenech, está-se procurando desenvolver o cultivo da cebola no nosso concelho.

D'um grande augmento de produção d'este genero, segundo calculos bem fundamentados do seu arrojado propugnador, advirá uma alta melhoria nas condições economicas locais e a cebola formará um tal coefficiente de prosperidade que, conforme o ardor d'uma previsão confiante, em breve a nossa villa adquirirá um movimento desusado e o bem estar, senão a abastança, derivará



Antonio de Abreu Graça

Pelas 2 horas da tarde do proximo domingo, 7 de novembro, este illustre cavalleiro — distincto professor official em S. João da Foz, que frequentou o curso de Pedagogia da Universidade de Lausanne e a pratica da Escola Normal da mesma cidade — realisa uma interessante conferencia no Theatro Gil Vicente, com projecções luminosas, desenvolvendo o seguinte thema: A ESCOLA POPULAR NA SUISSA.

S. ex.^a faz esta conferencia a convite da Liga Barcelense d'Instrucção e Educação, a quem cabem muitos louvores, E' de prever muita concorrência, domingo, ao theatro.

por todas as ramificações do nosso meio, realisando a redempção, o triumphante progresso d'um povo pelo trabalho bem dirigido, pertinaz e executado com intelligencia e decisão.

Se n'isto haverá algum excesso d'optimismo, indo-se na supposição do exito um pouco além do que é licito esperar, não ha duvida, todavia, que o lucro é muito convidativo e que, portanto, o incitamento a tão vantajosa cultura, representa uma alta benemerencia.

Demais, além dos interesses immediatos que promove, resulta tambem um grande ensinamento que, pela fórma mais conveniente, demonstra ao lavrador o rico thesouro que é a terra, quando tratada convenientemente e a necessidade que elle tem d'instruir-se e educar-se, para saber

tirar todo o proveito do patrimonio, que sustenta com grandes difficuldades e rodeado d'invinciveis obices, por não estar preparado e desconhecer os meios de o tornar altamente remunerador das es-fallfantes forças que consome, sem compensa-ção bastante.

Finalmente, é um grande trabalho em fãvor da agricultura, uma incontestavel affirmação do que vale o esforço proprio, um generoso emprehendimento, que não traz consigo o exclusivismo temerario, mas a lição pratica do quanto ha a esperar da lavoura devidamente exercitada.

Por isso a figura de D. José Domenech, já grande pelo muito que representa na industria, onde tão nobremente se tem assignalado, se torna digna do maior respeito por parte do publico barcellense, que, apesar de não ter a fortuna de o contar entre os seus concidadãos, tem no entanto a suprema dita de n'elle encontrar um devotado coo-pe-rador dos seus progressos e engrandecimentos.

Como parte d'esse publico para quem não é indifferente a acção prestimosa do sympathico e arrojado fomentador da riqueza agricola, aqui lhe deixo consignada a homenagem da minha mais alevantada consideração, na consagração singela, mas bem sincera, d'esta ligeira chronica.



M.

Ephemérides

BARCELLOS DIA A DIA

(Segunda quinzena de outubro)

17 de outubro de 1722. — Visita a nossa collegiada o arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles.

19 de outubro de 1861. — Termina a sua publicação o jornal «Ecco de Barcellos».

20 de outubro de 1852. — E' transferido da diocese de Bragança para a de Leiria o bispo D. Joaquim Pereira Ferraz.

21 de outubro de 1147. — Morre heroicamente atravessado na porta do castello de Lisboa o illustre capitão Martim Moniz, progenitor dos Alvellos, por seu filho João Martins Salça que veio estabelecer-se em Alvellos, freguezia d'este concelho de onde tomaram o apelido.

22 de outubro de 1870. — Sac alferes o alumno de artilheria Alvaro Correia da Silva Araujo, depois visconde de Barcellinhos.

23 de outubro de 1859. — E' exonerado, a seu pedido, do cargo de administrador do concelho de Barcellos, Antonio Maria do Amaral Ribeiro.

24 de outubro de 1670. — D. Catharina Rami-

res de Faria consente na mudança do altar de S. Francisco de junto do pillar para a capella da Encarnação que, então, havia na collegiada, onde hoje se vê a porta travessa virada ao paço dos duques de Bragança.

25 de outubro de 1697. — Nasce, na quinta da Silva, Francisco de Sousa da Silva Alcoforado Rebello, que escreveu a *Vida de soror Ignez de Jesus e Vida e morte de Maria Stuart*.

29 de outubro de 424. — Padece martyrio em Vianna S. Maximo, Maximo Emiliano ou Maximiliano, que, na opinião de muitos escriptores, foi bispo de Barcellos.

31 de outubro de 1345. — Nasce em Lisboa, o principe D. Fernando, depois nono rei de Portugal, cognominado o *Formoso*, pela gentileza do seu porte e o *Inconstante*, pela versatilidade do seu caracter.

Durante o seu reinado (fevereiro de 1373) succedeu aquelle feito heroico de Nuno Gonçalves, alcaide-mór do castello de Faria que, pelo não querer entregar aos castelhanos, foi morto por elles mesmo na presença do filho que, dias depois, o defendeu tão valorosamente.



PERFIS MASCULINOS

XV

E' d'uma proxima aldeia ;
Veio pr'a villa estudar ;
Praticou farmacopea,
Habilitou-se a matar !

Sempre que pode, garboso,
Tem a paixão predilecta,
De passeiar, vagaroso,
Na sua bicicleta.

Trabalhou no almofariz
Que foi do Zê da Botica ;
Já consulta o Chernoviz
E nos golpes deita arnica !

Prepara bem qualquer pó,
Dissolve permanganato,
Vende *postaes Rigolot*
E barrinhas de nitrato.

Tem gerido, actualmente,
Com pericia toda a droga;
Por ter o collega ausente
Que é dono da *synagoga* !

Bom mocinho, attencioso,
E de geral sympathia ;
Nas receitas cuidadoso,
Estimando a freguezia.

DOIS AMIGOS.